

Suplemento Cultural

Notáveis Pioneiros de Campo Grande

DEMOSTHENES MARTINS

O povoamento de Mato Grosso foi a resultante do descobrimento das minas de ouro de Cuiabá pelos Bandeirantes vindos de São Paulo na preia dos índios. Esgotados os depósitos auríferos aluvionais do Coxipó e do Sutil, o espírito ambulatório dos sertanistas imantou-se no sentido da posse das terras visualizadas na fundação das fazendas para o apascentamento dos rebanhos. Ademais, a posse de grandes tratos de terra dava aos sertanistas foros de opulência e de nobreza, a cepa do nosso coronelismo, que se assemelhava a um feudalismo achamboado, no dizer de Euclides da Cunha.

A movimentação da própria lida do pastoreio impunha a penetração de novos horizontes, num centrifugismo ampliador que desvendava paragens mais vantajosas, propiciando novas posses.

Foram as investidas dos sertanistas, nas pegadas das bandeiras paulistas, repulsadoras dos castelhanos das reduções erigidas à sombra da linha de Tordesilhas, que ensejaram as posses na região da Vacaria, no sul matogrossense. Deve-se ao intemorato sertanista Joaquim Francisco Lopes o reconhecimento dessa região através das suas 17 entradas, vindo de sua fazenda Monte Alegre, nas proximidades do rio Paraná, para as bodas de seu espí-



Monumento "Carro de Boi" – Campo Grande – MS

rito de bandeirante com a virgindade de paragens ignotas. A ele deve-se a vinda dos Barbosas, dos Lopes e dos Souza, os pioneiros do povoamento da Vacaria com rebanhos que trouxeram. Foram eles os povoadores da região, que os paraguaios reivindicavam como de seu domínio. As suas posses entre os rios Apa e Miranda foram os marcos que assinalaram as raíais do Império nessas lindes distâncias.

Com a invasão da região pelas tropas de Solano Lopez, a mando do Coronel Francisco Izidoro Resquim, os posseiros tiveram que abandonar as suas fazendas até que, concluída a guerra em 1870, tornaram às mesmas, restaurando-as.

Assim, vindo de Monte Alegre, Minas Gerais, José Antonio Pereira aportou, a 21 de junho de 1872, à confluência dos córregos que mais tarde se chamariam de Prosa e Segredo, local

que julgou adequado ao estabelecimento de sua posse, resolvendo aí ficar.

Decidido a fixar-se nessas paragens, retornou a Monte Alegre a fim de trazer dali os integrantes de sua numerosa família e os seus haveres, deixando na posse o poconeano João Nepomuceno com quem se encontrara no local.

Entrementes, este, aventureira criatura, comete um crime, assassinando, numa disputa sobre a compra de uma res para seu abastecimento, o fazendeiro de Camapuã Joaquim Mota, que o obrigou a refugiar-se da justiça, abandonando a posse, traspassando-a ao mineiro Manoel Vieira de Souza, que, numa caravana em que vinham vários familiares, rumava para o sertão em busca de terras para uma posse. Ressalvou, porém, o transferente, o direito que caberia a José Antonio Pereira, caso retornasse este de sua viagem a monte Alegre, que se dilatara das previsões estimadas.

Estabeleceu-se Manoel Vieira na posse e, a 14 de agosto de 1875, vê chegar José Antonio Pereira conduzindo numerosa caravana composta de seis carros de bois atestados de bagagens, víveres, sementes e mudas de árvores frutíferas, à frente de um lote de

“

Vindo de Monte Alegre, Minas Gerais, José Antonio Pereira aportou, a 21 de junho de 1872, à confluência dos córregos que mais tarde se chamariam de Prosa e Segredo (...), resolvendo aí ficar”

gado de criar e animais de campeão. Vinham, ao todo, entre famílias e escravos, 62 pessoas.

Esclarecida a situação criada com a fuga de João Nepomuceno, ocasionadora da transação que efetuara, entenderam-se os posseiros e permaneceram no local onde realizaram, para acomodação de todos, a construção de vários ranchos ao longo do atual córrego Prosa, que seria, mais tarde, a rua que se denominaria 26 de Agosto.

Lançadas as construções que, destarte, ganhariam aspecto de povoado, prestes o mesmo se desenvolveu, mercê de sua posição que era a de ponto

de apoio naquelas ermas paragens para os que da Vacaria demandavam Camapuã, no caminho para Santana do Paranaíba, em busca de terras de Minas Gerais, pela via terrestre, ou as de São Paulo, pela via fluvial do Rio Pardo. Concorreu também para o seu progresso a construção de uma igreja com que se desobrigara José Antonio Pereira de promessa feita a Santo Antônio, quando, no seu trajeto para a nova terra, fora detido, em Santana do Paranaíba, por um surto de malária ali dominante.

Os moradores de distanciadadas regiões vinham no fervor de sua crença trazer à imagem do taumaturgo de Pádua as oblatas das suas preces e os rogos para as suas aflições.

No seu panteísmo de crença de Santo Antônio e na moldura do ambiente físico da gleba em que se instalara, José Antonio dá-lhe o nome de Santo Antônio de Campo Grande. Era, realmente, grande, mesmo imenso, o desafogado campo em que se situara.

Fortalecido pela sua expressão demográfica que se vai adensando, o local ganha foros de Povoado. Em 1878 vem da Vila de Nioac o padre Julião Urquía rezar a primeira missa, sob a invocação de Santo Antônio, e realizar casamentos e batizados em cerimônias festivas que se celebraram no dia 4 de março. De então em diante, o velho cura incluía sempre o Povoado de Santo Antonio de Campo Grande nas suas desobrigas pelos sertões, na sementeira da fé cristã.

POESIAS

DE ONDE VEM A POESIA...

(para Manoel de Barros)

de um ponto infindo
vindo e indo
em contraluz
ou de uma infinita mira
que gira
e gera
estações de chão e fogo...

vem do instante vertical
da ausência e da urgência
perto-distante da espera
vestida de manhãs...

vem em silêncio
sobrepaira
e vira pássaro...

- celebra horizontes...

RUBENIO MARCELO *

*(poema do seu novo livro, "Veleiros da Essência").

IRRETRATÁVEL SILÊNCIO

O silêncio me chama
com uma voz sinuosa
anos-luz de distância me alcançam
percorrendo a memória de solidão.

Corro
com braços abertos
pelo espaço sideral
pelo infinito embaçado
pelas eras infundáveis
pelo tempo insolente
e não o encontro.

Corro
deslizo pelas horas
adivinhandos os gestos
as mímicas
o alfabeto mudo
e interpretando o silêncio
que não encontro
em nenhum lugar.

LUCILENE MACHADO

MOÇA

RAQUEL NAVEIRA

“Moça” é uma palavra mágica. Tem um efeito incrível sobre meu espírito. Lembro-me que, aos quatorze anos, entrei numa farmácia e o rapaz me atendeu solícito:

- Pois não, moça...

Tremi. A moça era eu? Então eu não era mais uma menina? Já era reconhecida como moça? Como ele poderia saber que há pouco tivera a minha primeira menstruação? Que eu era agora cíclica, lunar? Que todo mês aquele fenômeno se repetiria: o plasma, o sumo, o mar vermelho entre minhas pernas de ser mamífero, fêmeo e quente? Que aquela placenta escoava como um fluxo de rio? Que eu era feita de uma substância líquida? Que minha existência era miserável e precária? Que minha consciência nada poderia fazer contra esse ritmo que me abatia? Que meu corpo se transformava numa máquina indiferente à minha vontade, imperfeito, complexo, purgando estrelas sanguíneas?

Mas, no fundo, eu estava feliz, orgulhosa. “Moça” significava a possibilidade de ser mulher, de me tornar mãe. O desejo da maternidade pairava sobre mim, imenso. A maternidade pressentida se preparava nas minhas entranhas. Idealizava em mim a beleza de uma mãe que serve.

“Moça” era também o sonho de me vestir de noiva, de tornar-me algo que ainda não atingira em minha virgindade, mas poderia ser. Amar seria ocasião sublime para amadurecer, exigência, escolha, chamado para longe. A realização da sexualidade difícil que me foi imposta pela natureza. Minha vo-

cação era amar o amor, o amor de duas criaturas humanas, por muito tempo, pela vida afora, aprofundando cada vez mais a proteção, o auxílio mútuo. Tornar-me um mundo para o outro. Solidões que se saúdam, como escreveu Rilke.

Tive medo, quase desfaleci sob as rendas e as flores amarelas de meu vestido de noiva. Depois re-presentei como ninguém o papel de sedutora. Você foi o fiador dos meus sonhos. Não fugiu de mim, bem precioso. Rubi escarlate.

Agarramo-nos um ao outro. Sou carne de sua carne. Você me alimenta com ervas da terra, me trata e me sustenta, enquanto caminhamos, Adão e Eva expulsos do paraíso, entre espinhos e abro-lhos, comendo pão com suor. Meu desejo me impeliu a você. Fui dominada. Dei-lhe filhos em partos com dor. Crescemos e sofremos juntos. A cada perda, a cada plano interrompido, a cada inverno, a cada sensação de cerco, de que o destino quer nos tirar tudo, vem sempre o consolo:

“- Ainda sou moça. E ele me acha bonita.”

Aos poucos, porém, os diques se fecharam, útero e ovários esturricaram como frutas de cascas endurecidas, os cabelos estão brancos sob uma pátina de tinta castanha. Com os filhos adultos, a maternidade é uma grande recordação. Com a vinda das netas, sangrei gerações de Marias. Crio com plenitude íntima, dou à luz poemas e livros. Aproximamo-nos cada vez mais das noites que têm árvores e vento. Qual não foi minha surpresa, quando entrei numa farmácia e o rapaz do balcão me disse:

- Pois não, moça...

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CHÁ ACADÊMICO: “Clarice – Bem Perto do Coração” – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), tem o prazer de convidá-lo (e família) para a *Nova Dinâmica do Chá Acadêmico*, que acontecerá no próximo dia 25/09 (quinta-feira), às 19h, na Associação Campo-Grandense de Professores (ACP) – Rua 7 de Setembro, subesquina com a Rua Rui Barbosa, centro. Na oportunidade, será ministrada uma concisa palestra sobre o relevante tema: “Clarice – Bem Perto do Coração”, pelo acadêmico Paulo Sergio Nolasco.

É uma honra contar com a vossa presença.

O CRUCIFIXO DE PRATA

Não te abatas diante da adversidade, ao contrário, opõe-te a ela, tanto quanto a tua sorte te permitir.

Virgílio

GERALDO RAMON PEREIRA

Só podia ser um psicopata. Mas, psicopata é linguagem de doutor... O homem era é adoidado mesmo! Um maníaco. Pois cobria o próprio corpo com as marcas da sua mania: as indeléveis tatuagens. De acordo com a etimologia da palavra, *tatuagem* não é praticar atos como os do bicho tatu... Não é cavar buraco com as unhas, tampouco amar uma “tatu”. Tatuagem é gravação de símbolos ou sinais na pele. Se tiver outro sentido, enterremo-lo numa caverna de tatu.

Pois era esta a mania do Mané-Tatuagem... Seu corpo, além de corações flechados, serpentes, dragões, etc., tinha até um emblema do Corinthians e, no peito, um galo... Pior é que tinha um veado estampado no bumbum. Mas ele tinha também família, mulher e filho. Um único filho, o João-Tatuzinho.

Entretanto, a sua mania não parou por aí. Num belo dia mais agudo, resolveu fazer uma “tatuagem” oculta, porém um tanto quanto extravagante: inventou de implantar na sua própria carne, sobre o coração, um crucifixo de prata que, até então, carregava no pescoço.

Mané-Tatuagem, nessa época, trabalhava de enfermeiro num pronto-socorro. E, com esta profissão, vinha angariando alguma noção de cirurgia. Das pequenas cirurgias, pelo menos. O suficiente para diversificar o seu comportamento maníaco.

O filho foi o cristo eleito para auxiliá-lo naquela operação incomum, ante um espelho. João-Tatuzinho, menino dos seus onze/doze anos, admirava o pai vestido de branco e sonhava ser médico, um dia. Adorou a ideia...

E lá estava o crucifixo num esterilizador com vapor fervente, sob pressão, juntamente com instrumentais cirúrgicos. Cristo crucificado numa caldeira terrena. Barbárie dos homens. Mas tudo correu bem, dias depois apenas a cicatriz ocultando, no lado esquerdo de um peito tatuado, o crucifixo de prata. Porém, não ficaram por aí as mar-

cas das paradoxais tatuagens de seu Mané. Agora, a pior da sua vida. Uma que se lhe imprimiu indelével na alma: Rosângela. Linda e jovem enfermeira-rosa, que se cravou profundamente em seu ser e em sua vida com os espinhos da paixão. Mais fundo que o crucifixo no peito. Não teve outro remédio: abandonar a família, o emprego e os amigos do pronto-socorro, para fugir de pronto com Rosângela e aventurar-se pedindo socorro ao mundo.

Partiram, Mané-Tatuagem e Rosângela, para muito longe dali, onde o filho João-Tatuzinho e a esposa Sinhá-Maria não os descobrissem jamais...

A tatuagem do destino marcou demais aquela esposa desesperada. Porém, apoiou-se no filho, ganhou forças para viver e sobreviver. Uma vida sem notícias do Mané-Tatuagem.

O maior sonho do João-Tatuzinho era um dia reencontrar o pai, a quem sempre admirou e amou, com todas as suas tatuagens. Quem, afinal, lhe deu a primeira aula prática de cirurgia, no próprio peito.

- Depois de formado, sairei atrás dele, minha mãe!

- Tu tá é ficando doido, menino! Teu pai sumiu que nem diamante no mar...

- Mas eu preciso rever o meu pai.

João-Tatuzinho arranhou emprego, estudou muito, ingressou numa Escola de Medicina. Ademais, a vida não podia parar. Daria à sua mãe solitária, pelo menos, o gosto de ter um filho médico. E sempre comentava:

- Um dia, mãe, eu hei de reencontrar o meu pai!

Muita luta, muita força de vontade, conseguiu formar-se. E já era “residente” de Anátomo-Patologia no serviço conveniado com sua Faculdade.

Naquele dia, o Professor confiou-lhe inteiramente o atendimento. Tinha que viajar, deixaria os laudos assinados. O primeiro caso que apareceu foi para ele um motivo de imensa realização interior. Era também a primeira necropsia que faria sob a própria responsabilidade de médico-legista.

...Acontece que o bisturi empacou inexplicavelmente, quando dissecava os músculos do lado esquerdo, sobre o coração daquele cadáver... todo tatuado.

Ali estava implantado um crucifixo de prata!